

Como na restante obra, Cardoso Pires faz nesta novela uma reflexão sobre Portugal

**Edição.** Dez anos depois da sua morte, é publicada a versão definitiva de um texto de que o autor publicou um esboço em 1963 mas nunca deu por acabado. Livro lança uma nova editora, fundada por um amigo e ex-editor da Dom Quixote, e reabre a polémica com a Câmara de Lisboa sobre o espólio do escritor



LÚSIA FERREIRA

## CÂMARA ADMITE ACOLHER ESPÓLIO

Executivo considera hipótese de atribuir nome do escritor a uma biblioteca

A vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa (CML), Rosalia Vargas, lamenta que "nada tenha sido feito para tratar e acolher o espólio", acrescentando que não pode comentar as razões e as desconhece. Salienda, no entanto, que "se a família do escritor está na disposição de entregar o espólio de JCP, tudo faremos para que a CML acolha, trate e divulgue esse património." A CML aprovou, entretanto, confirma, uma moção para atribuir o nome do ficcionista a uma biblioteca municipal, sendo que o actual município "poderá considerar a hipótese de atribuir o seu nome a uma das suas bibliotecas." O projecto das comemorações dos 10 anos da morte fará parte das actividades de promoção da leitura das bibliotecas municipais. ■

# Inédito de Cardoso Pires amanhã nas livrarias

## Novela de Cardoso Pires abre Edições Nelson de Matos

ANA MARQUES GASTÃO

Uma fábula, a do lavagante – a ditadura, certos homens –, diálogos despojados nesta Lisboa de "céu azul fino". Um jornalista em destroços, a sombra de uma mulher "fria e soberana", a crise estudantil de 62. Eis um esboço d' *O Lavagante/encontro desabitado*, inédito de José Cardoso Pires, que lança a nova editora de Nelson de Matos. O livro está

a partir de amanhã nas livrarias.

As herdeiras dizem que só decidiram publicá-lo depois do "incumprimento" das promessas por parte da Câmara Municipal de Lisboa (sob a liderança de João Soares) quanto ao tratamento do espólio e à criação de uma Biblioteca Cardoso Pires – que ficaria sediada na Biblioteca de Alvalade (*ler caixa*). Há, aliás, confirma, Ana Cardoso Pires, correspondência nesse sentido. E não havendo respostas, puseram cá fora esta "versão mais acabada" de um texto no qual o autor de *O Hóspede de Job* muito investiu, mas que deixou para trás. E porquê? "Penso que



o Zé terá considerado que a História ultrapassou a novela e talvez a tenha transfigurado noutra coisa, talvez naquilo que veio a ser depois *O Delfim*. A meu ver, faz hoje muito mais sentido lê-la do que nos anos 80 e 90."

*O Lavagante/encontro desabitado* foi publicado, pela primeira vez, em 1963, numa versão de três páginas, no nº 11 d' *O Tempo e o Modo* e intitulava-se, então, *O Lavagante e Outros Exemplares*. Mencionava-se na revista que se tratava de um capítulo do próximo romance.

Surgida por ocasião da passagem dos dez anos sobre a morte do escritor – 26 de Outubro –, a novela (a mais completa das três versões dactilografadas), é anterior a *O Delfim* (1968). Existem outras, manuscritas como *O Lavagante e a Mulher do Próximo*. Conta Ana Cardoso Pires, uma das filhas, que, nas voltas do es-

pólio, deu com a breve narrativa aprisionada num atado. Não era medida pelo pai há muito, seguramente desde o 25 de Abril. Papel amarelado, esmaecido, todo por igual.

Obra póstuma, esta, que Cardoso Pires não deu por acabada, a ser lida não como "o texto definitivo, mas o último texto", e a contar histórias da opressão, do medo e da culpa: "Viciámo-nos. Agora temos a Censura a escrever por nós. E amanhã? Quem sabe escrever amanhã, quando a Censura acabar?"

O fio condutor da narrativa é a fábula do lavagante: "animal de tenebrosa memória, paciente e obstinado, e terrível nos seus desígnios."

Ana Cardoso Pires lembra-se de ouvir o pai contar como o crustáceo servia o safo nas tocas, levando-lhe comida, vendo-o engordar, incapaz de sair do buraco. Depois encontrava o momento exacto para devorar o "grande prisioneiro" que havia alimentado durante tanto tempo.

Lavagante servil, cínico, observado com a mesma obsessão que o escritor nutria pela fotografia, não deixando fugir a presa, na procura da

palavra enxuta: "O Zé gostava das coisas da natureza, mas do ponto de vista da fábula. Quando eu era pequena, lembro-me de ele pôr dentro de uma redoma uma aranha e uma mosca e ficava a ver quanto tempo aquilo iria durar. Inventava histórias entre elas enquanto observava."

Para Ana Cardoso Pires, *O Lavagante* tem uma figura feminina muito conseguida, Cecília, mais até do que a Guida de *O Anjo Acorado*: "Cecília é a cabra que se liga ao pede com o pretexto de salvar o companheiro" e, não sendo um texto acabado, reconhece-se nele o estilo do autor de *Alexandra Alpha* que, conjugando o narrado e o humano, soube

fazer das crianças personagens de corpo inteiro – ele que até "não gostava muito de miúdos" –, ou das mulheres rostos transfigurados.

Resta, ainda, inédito um conto infantil escrito numa carta às filhas: *Os Esquilos Azuis*. Tudo o mais foi começado e largado. O espólio tem sobretudo versões antigas dos livros. Como se recorda a filha do escritor? "Lembro-me do meu pai, não do Cardoso Pires. E pergunto? Que te-rei eu não percebido nele?" ■

## "O Zé teria escrito um livro para o Nelson"

Nelson de Matos era um dos maiores amigos do meu pai", conta Ana Cardoso Pires, referindo que, na saída da Dom Quixote, o editor "ficou numa situação fragilizada". Ao lançar uma nova casa editorial, terá pedido para publicar um conto, mas já editado, o que traria questões de

direitos complexas. Diz a filha: "Tenho a certeza de que, neste caso, o Zé teria escrito um livro para o Nelson." Descoberto *O Lavagante*, tudo ficou resolvido. E a obra está cá fora como "o Zé aprovaria." Ana deixa claro que esta versão da novela tem "um nível de

maturação que não merece o autor. Trata-se de "um texto acabado, embora não definitivo". Quanto às versões antigas dos seus livros, e outras obras que lhe foram dedicadas por escritores, ficarão na Biblioteca Cardoso Pires em Vila de Rei a inaugurar este ano.

**Ésta é a última versão de um texto publicado em 63**